

DESENHO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID ARTES VISUAIS

MARIANA SILVA MOREIRA¹; HENRIQUE BERNARDI MOURA RIBEIRO²; AYRA
FILIPE OSCHIRO DE JESUS³; ROBERTA MENDES MACHADO⁴;

DANIEL BRUNO MOMOLI⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – maremore.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bmhenriq@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – filipe.oschir0@gmail.com

⁴Escola Municipal de Educação Infantil José Lins do Rego – machadomroberta@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência versa sobre atividades desenvolvidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) José Lins do Rego, localizada na região do Areal em Pelotas-RS. A atividade ocorreu entre o dia primeiro e vinte nove de abril de 2025.

Este trabalho é resultado de reflexões construídas coletivamente a partir de duas atividades distintas, desenvolvidas pelos bolsistas do Núcleo 1 de Artes Visuais do programa, em conjunto com a Profª Supervisora Roberta Machado, docente de Artes da EMEI José Lins do Rego, visando a exploração dos sentidos das crianças pequenas e bem pequenas que estudam na escola em turmas de maternal e pré-escola. A primeira atividade foi realizada em primeiro de abril de 2025 e a segunda atividade foi realizada em 29 de abril do mesmo ano.

Desta maneira, para a construção das reflexões articulou-se as teorias de Henri Wallon, médico e filósofo francês, sobre o desenho infantil a partir do estudo de Maria Lúcia Batezat Duarte sobre o desenvolvimento da criança e os três fatores básicos propiciadores da formação, sendo eles a cinestesia, a representação e a percepção (Duarte, 2013).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O desenvolvimento de planejamentos docentes é uma das atividades desenvolvidas nas atividades do PIBID, pois é um modo de entender o trabalho docente. Em abril de 2025 o nosso grupo construiu um planejamento de quatro atividades para a exploração dos sentidos do corpo, a partir dos Campos de Experiência descritos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Os Campos de Experiência são parte estruturante do currículo da Educação Infantil, através deles é possível garantir que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças ocorram a partir das interações e da brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, desta maneira

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2018, p. 40).

A primeira ação ocorreu no dia primeiro de abril do presente ano. A atividade foi desenvolvida com turmas de maternal, com crianças de 1 ano e meio a 3 anos de idade, e pré-escola, com crianças de 4 anos a 5 anos de idade, uma atividade para a exploração do olhar e da linguagem gráfica, a partir de uma proposta de desenho de observação. O exercício foi feito utilizando materiais orgânicos como porongos ressequidos e pedaços de tronco de árvore que seriam desenhados pelas crianças, com canetinhas coloridas sobre papéis fixados em cavaletes.

A segunda atividade ocorreu no dia vinte e nove de abril do mesmo ano. Nesse dia desenvolvemos uma atividade que buscava estimular a produção gráfica a partir do corpo e da gestualidade do desenho em paredes e/ou no chão utilizando giz. A atividade deveria ocorrer da seguinte maneira: uma criança deitaria sobre o chão, ou se apoiaria na parede, e outras deveriam desenhar sua silhueta com giz, permitindo o desenho do corpo em tamanho real.

Estas duas experiências revelaram os três fatores básicos descritos por Duarte (2013), a saber: a cinestesia, a representação e a percepção. Sobre a percepção, Duarte nos diz que “indica o quanto do objeto (conjunto, detalhes) a criança capta e utiliza ao desenhar. Isto é, a sua possibilidade de atenção e de recepção sensorial dos objetos do mundo” (2013, p. 14-15).

E, quando proposto o exercício de desenho de observação, do dia primeiro de abril, pudemos perceber que ao pedir às crianças da pré-escola para se concentrarem e desenharem um objeto de formato orgânico, que não se parecia com as formas geométricas simplificadas que estão acostumados a ver no contexto da sala de aula dificilmente seus desenhos continham detalhes dos objetos, porém, ao guiar o olhar das crianças aos detalhes a atenção era retomada e os desenhos podiam manifestar a percepção que tiveram do objeto, observável na figura 1.

Figura 1 - Criança desenhando ranhuras percebidas no porongo



Fonte: Acervo do Grupo do PIBID - Artes Visuais da EMEI José Lins do Rego, 2025

Nas turmas de maternal com crianças de 3 anos, os detalhes dos objetos que deveriam ser observados e desenhados se perderam, mas percebemos a aparição da experimentação do material traçante, também com muito potencial imagético através do fator básico da representação que “indica o momento em que a percepção dos objetos deixa de ser momentânea (em ato), e passa a constituir marcas, registros mentais” (DUARTE, 2013, p. 15).

Assim, as crianças do maternal buscaram soluções gráficas ao inventar uma forma de desenhar o que foi pedido, ao simplificar a forma do objeto da maneira

que conseguiam se lembrar, a partir de algum outro encontro com aquele objeto. Por exemplo, ao precisar desenhar um tronco de árvore, pensavam sobre seus anéis interiores e a partir disso tentavam recriar o tronco pelo que já era conhecido, mesmo que não pudessem enxergar os anéis da posição que estavam, como pode ser visto na figura abaixo.

Figura 2: Criança desenhando um pedaço de tronco de árvore



Fonte: Acervo do Grupo do PIBID Artes Visuais da EMEI José Lins do Rego, 2025

Em relação a cinestesia, Duarte “indica o nível de controle muscular, o grau de domínio que a criança já adquiriu sobre o seu movimento físico para poder desenhar” (DUARTE, 2013, p. 14), como condições da expressão gráfica. Notamos que este aspecto não foi bem explorado na atividade de desenho de observação realizada no dia primeiro de abril, por causa do tamanho do suporte para o desenho. Além disso, algumas das crianças tiveram dificuldade em representar um objeto maior que o suporte, expressavam que o objeto que estavam desenhando não caberia na folha, o que gerou muitas frustrações.

Em relação a segunda proposta, percebemos que a atividade de desenho do corpo permitiu uma exploração maior da gestualidade gráfica das crianças por oportunizar movimentos diferentes dos feitos na primeira atividade de desenho de observação, oportunizando diferentes maneiras de segurar o giz, traçar e apoiar-se sobre o suporte, como percebido na figura 3.

Figura 3: Crianças contornando a silhueta dos colegas no chão



Fonte: Acervo do Grupo do PIBID Artes Visuais da EMEI José Lins do Rego, 2025

Deste modo, a atividade, mesmo tendo em base o desenho, permitiu a utilização de todo o corpo da criança, propiciando uma investigação cinestésica-exploratória mais eficiente que a executada no dia primeiro de abril.

Além disso, depois de desenhar a silhueta dos corpos, as crianças também sentiam-se à vontade para detalhar o corpo desenhado, assim, características como olhos, nariz e boca surgiram dentre os grafismos espontaneamente, evidenciando o fator básico da representação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas por meio do PIBID na EMEI José Lins do Rego evidenciaram a riqueza do trabalho com Artes Visuais na Educação Infantil quando este parte da escuta sensível e do respeito ao tempo e às linguagens das crianças. A partir das duas propostas desenvolvidas — o desenho de observação com materiais orgânicos e a exploração gráfica do corpo com giz — foi possível perceber como os fatores básicos apontados por Duarte (2013) se manifestam de maneira singular nas produções infantis, revelando aspectos importantes do desenvolvimento perceptivo, representativo e cinestésico das crianças pequenas e bem pequenas.

A atividade de desenho de observação, embora tenha revelado dificuldades no manejo do suporte e na identificação de detalhes, mostrou-se potente para o desenvolvimento da atenção visual, especialmente quando o olhar das crianças foi guiado para aspectos específicos dos objetos. Já a proposta de contorno do corpo com giz evidenciou o valor da gestualidade e da experimentação física no processo gráfico, permitindo uma exploração mais ampla do espaço e do movimento, além de favorecer o surgimento espontâneo de traços representativos.

Essas vivências reafirmam a importância de se planejar atividades que considerem não apenas os conteúdos, mas também as possibilidades expressivas e sensoriais das crianças, respeitando suas formas de perceber, representar e interagir com o mundo. A prática docente, nesse contexto, ganha potência quando se aproxima das experiências reais dos alunos, mediando descobertas, favorecendo a escuta e estimulando o desenvolvimento integral.

Assim, a participação no PIBID proporcionou aos bolsistas momentos de formação fundamentais, ao mesmo tempo em que fortaleceu a integração entre universidade e escola. A aproximação entre teoria e prática possibilitou a construção de um olhar mais crítico, investigativo e sensível sobre o papel do professor de Artes Visuais na primeira infância, consolidando aprendizagens que ultrapassam os muros da sala de aula.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_ver_saofinal.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. Bases Curriculares para as Artes Visuais no Ensino Fundamental. **Revista Nupeart**, Florianópolis, v.9, n.1, p.10-34, 2013. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3527/2585>. Acesso em: 29 jun. 2025.